Cidadania é sempre manchete

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

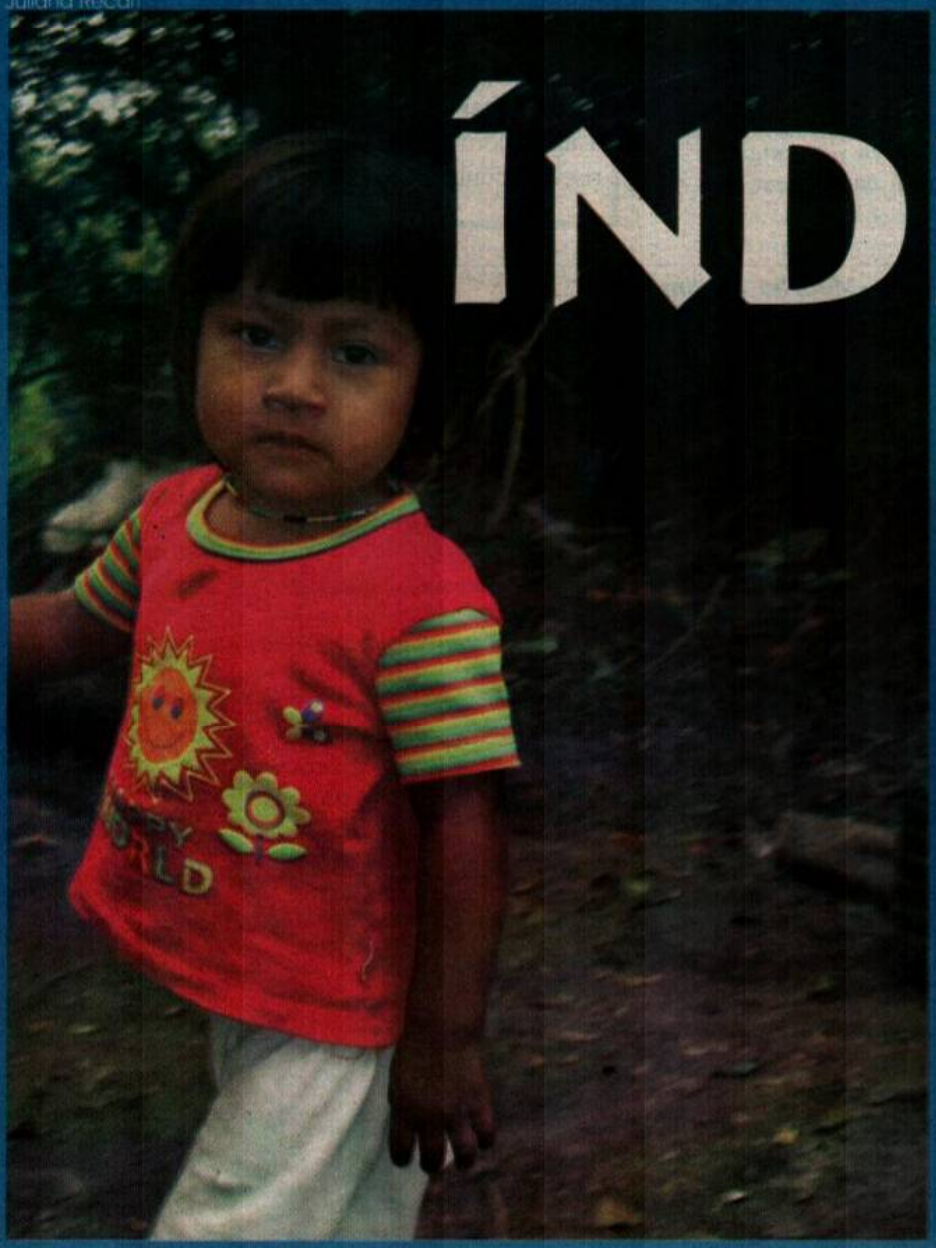
ecos ESCOLA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Distribuição gratuita R$0,00

Folha da Princesa

Jornal Comunitário da Vila Princesa - Pelotas/RS - Ano VII - Nº 50 - Abril/2007

Juliana Recart



ÍNDIOS

Originais dono da terra, eles são os novos vizinhos da Vila Princesa. Chegaram há sete meses e estão em busca de um chão para viver. Comunidade da Vila, sensibilizada, dá aula de solidariedade.

Página Sete

Editorial

Integração social

A Folha da Princesa chega à sua 48° edição destacando um aspecto comunitário importante, que é a integração social de grupos com costumes e cultura diferentes. Na Vila Princesa, assim como em qualquer comunidade, existem essas diferenças. Umas mais outras menos acentuadas. Os motivos das diferenças? São muitos, e cada um deles deve ter seu grau de respeito, pois só assim será possível a convivência.

Há poucos meses um grupo de índios Tupi Guarani está acampado nas proximidades da Vila Princesa, na beira da BR e, como a grande maioria da comunidade indígena que ainda sobrevive no Brasil e particularmente no Rio Grande do Sul, as duas famílias que chegaram aqui estão passando por inúmeras necessidades, mas já contam com o apoio de alguns moradores da Vila, em mais uma demonstração da capacidade de solidariedade da nossa comunidade.

A Folha da Princesa fez uma reportagem (página 07), contando um pouco da história desse povo - os originais donos da terra - e que agora não têm onde morar com dignidade.

Foto do mês

Juliana Recart

Água potável. Uma necessidade básica que não é atendida na rua Theodoro Born. Assim, Os moradores têm duas opções: ou buscar água na vizinhança, ou tomar a água com risco de contaminação.

Página 04

Toques

Insegurança

Mais uma vez, o jornal reitera a questão da segurança na Vila Princesa.

Apesar dos constantes pedidos à Brigada Militar e a reincidência de assaltos, a comunidade, com mais de cinco mil moradores, continua sem patrulhamento policial.

Mutirão de limpeza

Secretaria de serviços urbanos retira lixo de bueiros e corta grama na comunidade.

Risco à saúde

Por falta de atenção das autoridades, moradores da Vila, sem outra saída, tomam água suja.

Coluna da AMOVIP

"Solidariedade aos donos da terra

A Associação de Moradores da Vila Princesa está engajada na campanha para que a comunidade da Vila Princesa colabore com a família de índios que está acampada desde o ano passado na BR, perto da vila. Os índios brasileiros são os verdadeiros donos da terra, e agora não têm um pedaço de chão para sobreviver. Por isso, a AMOVIP estará, junto com a *Folha da Princesa*, promovendo essa campanha para arrecadar alimentos e roupas para que nossos irmãos indígenas possam passar o inverno com um pouco mais de tranqüilidade.

Além disso, estaremos encaminhando as reivindicações dos índios à Prefeitura para que sejam atendidas e que eles possam receber um pedaço de terra para nela viverem. Enquanto isso, esperamos que a comunidade da Vila Princesa dê mais uma demonstração de solidariedade."

Cidadania é sempre manchete

Folha da Princesa

Projeto de Extensão da Escola de Comunicação Social - UCPel

Editor/Coordenador: Jairo Sanguiné Jr. (Reg. Prof. 4665)

Reitor: Alencar Mello Proença
Escola de Comunicação Social
Diretor: Jairo Sanguiné Jr.
Gráfica: Diário Popular
Periodicidade: Mensal
Tiragem: 2000 exemplares
Redação: Rua Almirante Barroso, 1202 - Pelotas-RS
Fone: (53) 3284-8115
E-mail: *folhadaprincesa@gmail.com*

Redação:
Amanda Santo
Bruno Sousa
Carolina Graziadei
Cyntia Arbeletche
João Monteiro
Juliana Recart - Editora adjunta
Maira Gatto
Mariângela Paz
Priscila Rabassa
Rafael Varela

Editoração Gráfica:
Juliana Recart

Outras Escolas da UCPel:
Felipe Añaña - Direito

Colaboraram nesta edição:
Prof. Renato Della Vecchia

Expediente

Amanda Santo

Vila Princesa recebe drenagem

Após meses reivindicando a retirada de lixo nos bueiros e o corte da grama, a comunidade recebe uma equipe da Secretaria de Serviços Urbanos

Há cerca de dois meses, um mutirão de 33 agentes iniciaram um trabalho de drenagem urbana na Vila. A solução veio após reivindicações da Associação de Moradores da Vila Princesa (Amovip) junto à prefeitura, já que a comunidade vivia em meio a valetas e canos entupidos e à grama alta.

Com a sujeira, os alagamentos. Com a falta de poda, os bichos. A reclamação já era antiga entre os moradores, que há cerca de oito meses não recebiam um mutirão de limpeza da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos. Para Eno Alves, dono de um mercado da Vila, era insustentável viver e trabalhar em meio à sujeira. O comerciante afirma que já havia se tornado comum a entrada de bichos em seu estabelecimento.

Segundo o secretário municipal de Serviços Urbanos, Antônio Carlos Selister, a demora do encaminhamento de uma equipe de limpeza à Vila se deve à falta de estrutura da Secretaria para atender à vasta demanda. Além da Vila Princesa, os bairros Getúlio Vargas e Pestano também se encontravam em péssimas condições de limpeza. Para realizar o trabalho nos diversos pontos da cidade, foram disponibilizadas três equipes de drenagem urbana, cada uma atuando diariamente em uma comunidade. Nos fins-de-semana, o trabalho das três turmas se concentra em um só bairro, no qual a limpeza se faça mais necessária. Com a conclusão dos trabalhos na Vila Princesa, a Secretaria já organiza mais 4 mutirões que serão distribuídos nos bairros Arco-íris e Verona.

Na Vila, a maior parte das valetas e da grama alta já recebeu o trabalho dos agentes, o que, segundo o presidente da Amovip, Luís Carlos Felz, representa um alívio à comunidade. Mas conforme Carlinhos, ainda há muito trabalho a ser feito para que os moradores possam voltar a viver em condições básicas de limpeza. Um outro problema que ameaça a Vila é o estado em que se encontram os canos de saída de água. Quebradas e entupidas, as tubulações prejudicam os aterros e favorecem os constantes alagamentos. As reclamações dos moradores concentram-se em relação aos canos da rua dos ônibus, onde o problema é mais evidente. Mas conforme Selister, embora a Secretaria não tenha condições de atender imediatamente a essa reivindicação, algumas ações já foram realizadas pelo mutirão junto a canos de travessias. Nessa fase conclusiva do trabalho de drenagem urbana, um aterro também foi construído pelos agentes em parceria com a Amovip.

Na última semana de drenagem urbana na Vila, os agentes da Secretaria pretendem trabalhar junto à rua 11 que se encontra em péssimas condições, conforme os moradores. Mesmo com o término do trabalho do mutirão, ainda há muito a ser feito de responsabilidade da prefeitura para que haja boas condições de vida para a comunidade, que mora tão longe do centro da cidade, conforme a Amovip. As palavras de Carlinhos e de Selister convergem no que diz respeito aos cuidados com o meio ambiente. Enquanto não se tem uma estrutura satisfatória para atender à grande demanda de sujeira, é importante que os moradores continuem tendo o cuidado necessário com o lixo que se produz na Vila Princesa.

Você pode denunciar o abandono de terreno

Muitos moradores reclamam do descaso com os terrenos abandonados na vila, que também são grandes causadores da aparição de bichos nas casas e nos estabelecimentos comerciais. Questionado sobre uma solução para o problema, o secretário de Serviços Urbanos afirma que o controle sobre os proprietários desses espaços é feito pela Secretaria Municipal de Urbanismo, que pode multar e, até, desapropriar o terreno. Caso haja alguma reclamação a ser feita pela falta de poda e limpeza em algum terreno, é importante que a comunidade entre em contato com a SMU e denuncie.

2384-4444

Secretária Municipal de Urbanismo

Universidade Católica de Pelotas
Folha da Princesa
A Universidade na Comunidade

Mercado PRINCIPAL
Padaria
Alimentos em geral
Rua Quatro, 3691
Fone: 3278-0738

Mini-Mercado Krüger
R: Neifre Marques, 2961 F:3278-0557

FERRAGEM TORRENSE
Bento
F: 3278-0860

Comercial Reichow
Comércio e distribuição de ferragens

Folha da Princesa

Maíra Gatto

Água com esgoto, desagradável mistura

SANEP promete água encanada para as casas da rua até o final do ano

A precariedade no abastecimento de água da última rua da Vila, é assustadora.

Como a população não tem acesso a uma rede de canos com água potável, as ligações são feitas com mangueiras e passam por dentro das valetas que escoam o esgoto das casas do local. A situação fica ainda mais grave quando as mangueiras furam ou "escapam" uma das outras já que a água que é consumida pelos moradores acaba sendo misturada com o esgoto da valeta.

Elizandra Silva está morando no local há cerca de três meses com os pais e com um filho pequeno. Ela comenta que às vezes a água sai suja da torneira, mas que não existe outra opção "A gente têm medo de tomar, mas só tem essa água o que vamos fazer?". As mangueiras de água são a única fonte de abastecimento para os moradores da rua. A dona-de-casa conta que há alguns dias o irmão esteve doente e segundo ela, um dos motivos foi a qualidade da água.

Um outro morador, Isaías da Rocha, diz que a estrutura podia ser pelo menos melhorada "Eles podiam botar uma emendas de mangueira melhores pra que não arrebentassem". Porém o sistema está longe de ser o ideal para o abastecimento.

Maíra Gatto

Elizandra toma água suja, pois não tem outra opção

Na casa de Doracildes Carnaval, que fica próxima a uma das falhas na emenda das mangueiras, a água é de péssima qualidade. "As vezes a água vem preta feito um lodo ou com gosto ruim, quando não falta", explica a aposentada. Morando há quatro anos no local dona Doracildes afirma que já está ficando doente por causa do consumo de água suja. "Às vezes a gente toma e fica com ânsia de vômito, parece que comeu algo pesado, já tive até que ir no médico fazer alguns exames".

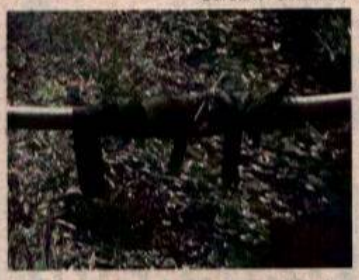
O SANEP, Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas, afirma que já está trabalhando em outros locais da cidadeabastecidos de forma precária. "Nós pretendemos substituir essas mangueiras por encanamento, até o final desse ano também faremos isso na Vila Princesa" promete o diretor-presidente do SANEP, Ubiratan Anselmo.

Carolina Graziadei

Cano "quebrado" completa três anos

Após um ano que a FOLHA apresentou o problema, nada foi feito.

Carolina Graziadei



"Na verdade, fui eu que amarrei a borracha no cano na primeira vez que ele foi quebrado", diz **um morador** da rua 5 no qual não quis se identificar. Há três anos, um cano que fica na esquina de sua casa foi quebrado. O Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP) foi avisado pela AMOVIP, mas desde 2004, nada foi feito.

O que preocupa é que, como a água é potável, o desperdício é cobrado dos moradores, mesmo sem poder usufruí-la.Para resolver o problema, foram amarrados pedaços de borracha para que não faltasse água e também para que a conta, no final do mês, não viesse maior. "O SANEP veio, amarrou e nunca mais voltou. Moro aqui há um ano e o que eles vem fazer é cobrar a conta, isso sim", diz Fátima Machado, outra moradora da rua 5.

Outro ponto preocupante é que o cano quebrado fica acima do esgoto à céu aberto, tornando-se uma ameaça para a população da Vila, pois como não há uma proteção sobre a valeta, a proliferação de mosquitos e o constante risco de algum morador ou animal cair nela, virou um cuidado a mais entre os que por ali passam, sem contar que esta fica localizada atrás da escola Daura Pinto, sendo um perigo para as crianças que ali estudam.

O que diz o SANEP

Segundo o atual presidente da instituição, Ubiratan Pierobom Anselmo, ele já tinha conhecimento da situação do cano e disse ainda que enviará uma equipe até o local para solucionar o problema. "Nossa idéia é passar o cano por debaixo da valeta ou instalarmos um cano de metal, para não haver mais a depredação", afirma Anselmo.

Os moradores da rua 5 esperam que este desperdício de água, que hoje é um bem escasso, tenha uma solução rápida para que não haja mais cobranças e que possam ter em suas casas, uma água de qualidade e que daqui há um ano, a FOLHA possa retratar uma situação bem diferente da atual.

Gabriela Mello

Perfil

"Viver é algo maravilhoso, não há motivos que me façam reclamar".

As dificuldades do dia-a-dia são muitas e as reclamações, por todos nós, também. Porém, há pessoas que encaram tudo isso com muita alegria, é o caso de Ranieri Dias Ledebhur, nosso Perfil do mês.

Com 22 anos, Ranieri já passou por vários problemas, dentre eles um que poderia lhe atrapalhar muito, a perda da visão, há seis anos, que ocorreu por conta de uma meningite. Contudo, isso não se tornou uma dificuldade, mas sim um incentivo para lutar por seus objetivos.

Morador da Vila Princesa há 20 anos, Ranieri já foi Perfil da Folha da Princesa há alguns anos e volta agora pra nos contar suas novas conquistas.

Perseguindo um sonho de criança, ele agora é locutor de rádio. Apesar de custar a encontrar quem acreditasse em seu potencial e lhe desse um espaço, Ranieri não desistiu e hoje apresenta um programa na Rádio Comunitária Princesa, 88,9 FM.

Conhecido e admirado pela comunidade, ele se supera a cada programa. Questionado pela nossa equipe sobre as dificuldades para lidar com aparelhos, por não dispor da visão, Ranieri respondeu que por não ser cego de nascença, ele conhece as coisas e desenvolveu habilidades como a de escrever mensagens por celular, decorando o lugar dos botões.

O programa de Ranieri, há seis meses no ar, conta com músicas diversas e participação dos ouvintes ao vivo, pelo telefone, todos os sábados, das 12:30 às 14:30h.

Dificuldades a parte, Ranieri leva a vida de maneira tranqüila e diz que não há motivos que o façam reclamar, porque para ele, que já passou por tantas coisas, viver é algo maravilhoso.

Folha da Princesa

Gabriela Mello
Mariângela Paz

CTG tem nova patronagem

CTG Porteira da Princesa prepara-se para muitas atividades em 2007

Mariângela Paz

Na primeira reunião do ano, o CTG Porteira da Princesa anunciou a nova Patronagem: Débora Ribeiro como Patroa; Jurema Medina como Secretária e Simone dos Santos como Tesoreira. Elas escolheram um conselho de fiscalização composto pelos moradores: Segomar, Leila e Leda. Eles ajudarão nas decisões a serem tomadas nas reuniões fechadas (que será uma vez por mês). Essas, serão repassadas aos pais e dançarinos posteriormente. Também foi reforçado aos pais o verdadeiro sentido do Projeto do CTG, que é educação, ocupação e disciplina. Não é só dança, portanto.

Quanto à sede, ainda não há verbas suficientes para a construção. A idéia é fazer um ginásio da vila, que poderá ser sede de vários eventos. Não só o Galpão do CTG, mas também um local para a prática de esportes, organização de festas, etc. O terreno, localizado atrás do Posto de Saúde, foi doado pela Secretaria de Habitação no final do ano de 2005.

As apresentações já começam no fim do mês. Dia 31, o CTG se apresenta no Salão Cruzeiro do bairro Sanga Funda, e a partir daí a agenda promete estar lotada. E já preparam uma festa na Vila para arrecadar fundos para a confecção das novas pilchas dos dançarinos.

O CTG conta, desde já, com a colaboração de moradores da Vila. E deixa o convite para os pais e crianças, fazerem parte do CTG, participarem do projeto.

Os ensaios são realizados no salão do clube Onze de Dezembro, nos horários: Quartas-feiras das 18h00 às 19h00, e as Quintas-feiras das 18h00 às 19h00.

Festa da Páscoa arrecada para o CTG

Mariângela Paz

A criançada se divertiu na festa

O Coelhinho da Páscoa chegou atrasado na Vila Princesa. A festa foi no sábado, dia 14 na Praça. Ao som do "Careca" no caminhão da Ferragem Torrense, o CTG Porteira da Princesa fez o espetáculo para os moradores.

Com doações de patrocinadores e a colaboração dos moradores da Vila, o coelhinho veio farto: Cachorro-quente e refrigerante para todo mundo...Muitas balas, pirulitos e chocolates para a criançada, sem contar os brindes que foram sorteados em meio a brincadeiras.

A presença da corte da Vila também encantou a festa: Angélica Blank, rainha da AMOVIP, Natália Ferreira, 1ª Princesa e Tássia Taís, 2ª Princesa estavam na praça prestigiando a invernada mirim.

O presidente da AMOVIP, Luis Carlos Felz contou com a ajuda da Padaria Vitória, e do morador Zelmoni que permitiram a produção dos pães para o lanche da festa.

A Vila Princesa agradece a todos que colaboram para a realização dessa festa, e já conta com a preparação da próxima, que será a Festa do Dia das Mães, em maio.

Festa em homenagem às mães

Acontecerá na Vila Princesa, dia 13/05, a Festa em Comemoração ao Dia das Mães, na Praça ao lado da Escola, a partir das 14h.

O evento contará com a participação da Trupe Trancos e Barrancos, que apresentará a peça O Mate de João Cardoso e Outros Mates, inspirada nos Contos Gauchescos de João Simões Lopes Neto. A peça foi modificada especialmente para a data, contando com a participação de crianças, homenageando as mães em seu dia. Estão todos convidados!

Emenda - 3
Uma proposta de reforma trabalhista camuflada

Desde que o presidente da República vetou a chamada emenda 3 do projeto de lei que criou a Super-Receita, que se discute o objeto dessa emenda, sem que se tenha uma visão clara sobre as implicações de seu conteúdo. O texto vetado, aparentemente neutro, transfere do fiscal do Trabalho para a Justiça do Trabalho a prerrogativa de desconstituir pessoa jurídica (empresa) criada para fraudar os direitos trabalhistas.

O ex-empregado, que se transforma em empresa ou pessoa jurídica, deixa de ser empregado e passa a ser um prestador de serviços, mas continua cumprindo horário, recebendo ordens e exercendo as mesmas atividades de antes, nas dependências do contratante. Quem presta serviço nessas circunstâncias, em atividade não eventual, é considerado empregado, segundo o artigo 3º da CLT.

A conseqüência da mudança de status - de pessoa física e empregado para pessoa jurídica e prestador de serviços - é que o ex-empregado não terá mais direitos trabalhistas, como férias, 13º, FGTS, multa por ocasião da demissão; nem previdenciários, como aposentadoria, auxílio-doença, auxílioreclusão e licença-maternidade, entre outros, exceto, no caso da Previdência, se continuar segurado do INSS e pagar 20% sobre o mesmo valor que, como empregado, pagava de 8% a 11%.

A empresa contratante, por sua vez, além de poder contar com a prestação de serviços ininterrupto pelos 12 meses do ano (empresa não tira férias), ainda fica livre do pagamento para o INSS de 20% sobre a folha, a título de contribuição previdenciária; não terá que pagar 13º nem férias, acrescidas de um terço; não pagará contribuição para o Sistema "S" sobre esse prestador de serviço; não terá que pagar 8% de FGTS; não terá que pagar aviso prévio proporcional nem tampouco pagar a indenização de 40% sobre o montante do FGTS.

O texto da emenda, se for transformado em lei, terá graves conseqüências sobre as relações de trabalho e os cofres públicos, porque impede o fiscal do Trabalho de fiscalizar, mesmo as situações fraudulentas, na medida em que essa atribuição deixaria de ser de sua competência e passaria a ser de responsabilidade exclusiva da Justiça do Trabalho.

A Justiça do Trabalho, por sua vez, só age sob provocação e, como o fiscal não pode provocá-la, o prestador de serviço, jamais irá questioná-la, porque, aobuscar o acessório, corre o risco de perder o principal – o trabalho.

Fonte: Jornal Dando o Troco

STEINHORST
Armazém
R: Oito, 3073
F: 3278-0865

Folha da Princesa

Rafael Varela

Vila Princesa continua sem patrulhamento policial

Falta de efetivo da BM permite a ação de ladrões; residências são alvos mais recentes

Quem chega à Vila Princesa, por volta das 9h30, tem a idéia de um lugar pacato. Com pouco movimento de pedestres e veículos nas ruas, a exemplo da própria Avenida 4, a principal da localidade, segurança para os moradores não parece ser problema.

Mas a impressão não faz jus a uma situação que vem crescendo na localidade, a falta de segurança. "De dia parece um mar de rosas, mas à noite, principalmente durante a madrugada, não é bem assim", revela o presidente da Associação dos Moradores da Vila Princesa (Amovip), Luis Carlos Felz. O motorista Paulo Lopes, 49, compartilha da opinião do presidente. "De toda Pelotas, um dos melhores lugares para morar é a Vila". Mas alerta: "policiamento nas ruas só quando há assalto. Há algum tempo atrás passavam viaturas da Brigada Militar (BM) durante à noite, porque uma gurizada cobrava pedágio perto da escola", lembra Silvio Lopes, 39, irmão de Paulo e também motorista.

Falta de segurança que não vitima apenas os moradores da Vila. Em bairros como o Navegantes, Pestano e Dunas – onde o efetivo da BM praticamente não atua à noite por medo de represálias por parte dos traficantes, segundo moradores, por exemplo – a situação é, no mínimo, grave.

Há quase quatro anos à frente da Amovip, Felz conta que não tem observado melhoras com relação à segurança na *Princesa*. "Há mais de dois anos me reuni com o Major Valdoir Ribeiro (BM) e relatei nossa situação. Pedi que pudéssemos contar, ao menos, com um patrulhamento efetivo. Foi cogitada a construção de um posto policial também, mas até agora nenhuma reivindicação foi atendida".

Atualmente, a situação parece tranqüila no que diz respeito a assaltos a estabelecimentos comerciais. O que não se repete quando o alvo é residência. Há duas semanas, seis casas foram arrombadas na Vila. Bicicletas, televisores e aparelhos de som fazem parte dos objetos furtados.

Enquanto a Associação dos Moradores está em busca de recursos que financiem a construção de um ginásio de esportes, em terreno adquirido por intermédio da Prefeitura, ao lado do posto de saúde – que por pouco não foi arrombado -, o presidente da Instituição aguarda um posicionamento da 2ª Companhia da Brigada Militar, responsável pela segurança no local. No posto de saúde, onde há uma sala desativada, a esperança de que "o espaço possa servir como local de trabalho da BM", sugere o representante dos moradores.

Divulgação

Brigada Militar concentra equipes de patrulhamento em blitz, enquanto na Vila Princesa não há o mínimo de policiamento para garantir a segurança

Comércio

Na véspera da Páscoa de 2004, o estabelecimento de Deolindo Neto, 48, foi invadido por dois adolescentes. O comerciante teve um prejuízo de mais de R$700,00 e todas as caixas de chocolates levadas pelos ladrões. O carro de um cliente também foi furtado enquanto ele comparava mercadorias. O veículo foi abandonado no bairro Sanga Funda. "A segurança na Vila é uma vergonha. Já pedimos policiamento através da rádio local muita vezes, mas não obtivemos retorno"

Blitz

Enquanto falta policiamento na Vila, parece sobrar nas blitz. Há vezes em que a atividade acontece nos três tunos, o que soma um total de 36 policiais atuando. São cerca de 12 profissionais por barreira.

O chefe do setor de operações do 4º BPM, Capitão Scherdien, encontra justificativa: " através de um estudo, observamos um grande número de deliqüentes no trânsito, por isso a ação intensiva".

Brigada Militar

O posicionamento da BM com relação ao problema de segurança na Vila seria dado através de uma reunião, marcada para às 16h do dia 20/04 (sexta-feira), com o Coronel Azevedo, na 2ª Cia. Devido a um contratempo, ele não pôde nos receber.

Do dia 20 até o fechamento desta edição, nossa equipe tentou contato com o Coronel, via telefone, diversas vezes. Sem êxito. Funcionários da 2ª Cia, com quem conseguimos contato estavam a par da data de fechamento do jornal.

Mini Mercado Rutz
Secos & Molhados
Frutas em geral
Rua 7, 3037
F: 3278-0500

Casa de Carnes Bender
Av. Quatro, 2948 - F: 84149359

Panificadora Ebenézer
Av. Quatro Nº2888
F: 3278-0662

Comercial Storch
Av. Quatro, 3509
F: 3278-0509

Índios Guaranis procuram terra e abrigo em Pelotas

A procura de condições para sobrevivência, um grupo de indígenas Guaranis procurou abrigo nas proximidades da Vila Princesa, onde estão alojados já há sete meses.

A famílçia indígena decidiu deixar a tribo onde vivia, em Caçapava, simplesmente por não haver mais espaço para todos no mesmo território. Assim, o próximo passo agora é solicitar à prefeitura, através da FUNAI, a aquisição de um terreno.

O chefe do grupo, Lorenço Benites, 37 anos, concedeu uma entrevista à equipe da **Folha** e contou sobre as dificuldades que vêm enfrentando por viverem como nômades em busca de um pedaço de terra, uma luta constante desses povos há séculos.

Juliana Recart

As crianças da comunidade falam somente em guarani, mantendo as tradições do povo indígena

Instalada a poucos metros da BR-116, a família, composta por 13 pessoas, conta apenas com a venda de artesanatos para o sustento. Porém, a renda oriunda desse comércio não é suficiente para suprir as necessidades de nutrição e saúde da família.

No ambiente onde estão alojados não há sequer rede de saneamento. A terra não é adequada para o plantio e as espécies locais não são próprias para a caça.

A comunidade da Vila Princesa tem auxiliado o grupo com doações de alimento, e também colocou a disposição o atendimento médico do Posto de Saúde.

O jornal Folha da Princesa irá acompanhar a luta dessa comunidade indígena pelo direito à terra e como se dará sua adaptação à inevitável influência que o contato com vida urbana ira gerar, já que as famílias indígenas em sua maioria já não encontram condições para sobreviver a partir de hábitos próprios. ■

Juliana Recart

O índio hoje

Hoje, no Brasil, vivem cerca de 460 mil índios, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que perfazem cerca de 0,25% da população brasileira. Cabe esclarecer que este dado populacional considera tão-somente aqueles indígenas que vivem em aldeias, havendo estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas, inclusive em áreas urbanas. Há também 63 referências de índios ainda não-contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

Identidade e diversidade

Dominadas política, ideológica e economicamente por elites municipais com fortes interesses nas terras dos índios e em seus recursos ambientais, tais como madeira e minérios, muitas vezes as populações rurais necessitam disputar as escassas oportunidades de sobrevivência em sua região com membros de sociedades indígenas que aí vivem. Por isso, utilizam estereótipos preconceituosos e procuram desqualificá-los. Para justificar, desta forma, todo tipo de ação contra os índios e a invasão de seus territórios.

Já a população urbana, que vive distanciada das áreas indígenas, tende a ter deles uma imagem favorável, embora os veja como algo muito remoto. Os índios são considerados a partir de um conjunto de imagens e crenças amplamente disseminadas pelo senso comum: eles são os donos da terra e seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la. São também vistos como parte do passado e, portanto, como estando em processo de desaparecimento, muito embora, como provam os dados, nas três últimas décadas tenha se constatado o crescimento da população indígena.

Só recentemente os diferentes segmentos da sociedade brasileira estão se conscientizando de que os índios são seus contemporâneos. Eles vivem no mesmo país, participam da elaboração de leis, elegem candidatos e compartilham problemas semelhantes, como as conseqüências da poluição ambiental e das diretrizes e ações do governo nas áreas da política, economia, saúde, educação e administração pública em geral. Hoje, há um movimento de busca de informações atualizadas e confiáveis sobre os índios, um interesse em saber, afinal, quem são eles.

No que diz respeito à identidade étnica, as mudanças ocorridas em várias sociedades indígenas, como o fato de falarem português, vestirem roupas iguais às dos outros membros da sociedade nacional com que estão em contato, utilizarem modernas tecnologias (como câmeras de vídeo, máquinas fotográficas e aparelhos de fax), não fazem com que percam sua identidade étnica e deixem de ser indígenas.

A diversidade cultural pode ser enfocada tanto sob o ponto de vista das diferenças existentes entre as sociedades indígenas e as não-indígenas, quanto sob o ponto de vista das diferenças entre as muitas sociedades indígenas que vivem no Brasil. Mas está sempre relacionada ao contato entre realidades socio-culturais diferentes e à necessidade de convívio entre elas, especialmente num país pluriétnico, como é o caso do Brasil.

É necessário reconhecer e valorizar a identidade étnica específica de cada uma das sociedades indígenas em particular, compreender suas línguas e suas formas tradicionais de organização social, de ocupação da terra e de uso dos recursos naturais. Isto significa o respeito pelos direitos coletivos especiais de cada uma delas e a busca do convívio pacífico, por meio de um intercâmbio cultural, com as diferentes etnias.

Fonte:
www.funai.gov.br

Dia mundial da Terra

Cuidar do planta é tarefa de todos

O Dia da Terra é comemorado por milhares de organizações, em centenas de países, com o objetivo de conscientizar as comunidades sobre a importância da preservação do Planeta Terra

A data foi criada em 1970, quando o Senador norte-americano Gaylord Nelson convocou o primeiro protesto nacional contra a poluição. É festejado em 22 de abril e a partir de 1990 outros países passaram a celebrar a data.

Vários protestos marcaram a data este ano, muitos realcionados ao assustador desmatamento que vem ocorrendo em nossas matas.

Para mantermos o equlíbrio do planeta é preciso consciência sobre a importância da preservação vegetal na terra, a começar pelas crianças, através de uma educação que se aplique neste sentido. Não se pode acabar com os recursos naturais, essenciais para a vida humana, pois não haverá como repô-los.

Embora os casos da Floresta amazônica e da Mata Atlântica sejam os mais problemáticos, o desmatamento ocorre nos quatro cantos do país. Além da derrubada predatória para fins econômicos, outras formas de atuação do ser humano tem provocado o desmatamento. A derrubada de matas tem ocorrido também nas chamada frentes agrícolas. Para aumentar a quantidade de áreas para a agricultura, muitos fazendeiros derrubam quilômetros de árvores para o plantio.

O crescimento das cidades também tem provocado a diminuição das áreas verdes. O crescimento populacional e o desenvolvimento das indústrias demandam áreas amplas nas cidades e arredores. Áreas enormes de matas são derrubadas para a construção de condomínios residenciais e pólos industriais. Rodovias também seguem neste sentido. Cruzando os quatro cantos do país, estes projetos rodoviários provocam a derrubada de grandes faixas de florestas.

Outro problema sério, que provoca a destruição do verde, são as queimadas e incêndios florestais. Muitos deles ocorrem por motivos econômicos. Proibidos de queimar matas protegidas por lei, muitos fazendeiros provocam estes incêndios para ampliar as áreas para a criação de gado ou para o cultivo. Também ocorrem incêndios por pura irresponsabilidade de motoristas. Bombeiros afirmam que muitos incêndios tem como causa inicial as pontas de cigarros jogadas nas beiradas das rodovias.

As matas e florestas são de extrema importância para o equilíbrio ecológico do planeta Terra e para o bom funcionamento climático. Espera-se que, no início deste novo século, o homem tome consciência destes problemas e comece a perceber que antes do dinheiro está a vida de nosso planeta e o futuro das gerações futuras. Nossos filhos têm o direito de viverem num mundo melhor.

E você, está fazendo sua parte?

Fonte:
www.suapesquisa.com

Juliana Recart

Retomando a história

Invasão da América e dominação dos nativos

A chegada da esquadra de Colombo à América, em 1492, teve grande impacto, tanto entre os indígenas quanto entre os europeus.

Durante muito tempo, vários historiadores transmitiram uma visão heróica dos feitos do conquistador, o que tornou corrente o uso da expressão descobrimento (da América ou do Brasil), e também ressaltando apenas um "aspecto civilizador" da chegada dos Europeus, quando na verdade o que fizeram foi impor sua cultura.

Mais recentemente, os historiadores têm relatado este acontecimento sob uma visão mais critica, abordando o impacto da presença dos europeus na destruição dos modos de vida e na dizimação dos povos que viviam na América. Desse ângulo, a questão não é colocada como "descobrimento", mas como invasão e conquista.

Exaltar o termo descobrimento não seria ignorar os processos históricos que já aconteciam no continente americano? A América não era um mundo a ser criado ou a espera de seu descobridor, já era habitada por povos que lá haviam chegado milhares de anos antes.

Os grupos indígenas que povoavam a América antes dos invasores acreditavam em antigos relatos de seus antepassados e em certas profecias religiosas que previam o retorno dos seus "deuses". Assim, os europeus recém chegados foram, inicialmente, confundidos com essas divindades. Entretanto, não demorou para que os indígenas percebessem o engano.

A conquista dos indígenas pelos europeus

Antes da chegada dos europeus, havia no continente americano mais de três mil nações indígenas.

As armas dos conquistadores eram superiores às dos povos locais. Essa superioridade verificou-se no uso da pólvora, do cavalo e do aço.

Com armas de fogo, os invasores espanhóis e portugueses evitavam o confronto corpo a corpo. Além disso, as explosões causadas por essas armas, desconhecidas dos povos indígenas, causava-lhes grande pavor. Eles temiam também os cavalos, animais que até então desconheciam, e chegavam a supor que cavalo e cavaleiro eram um único ser.

Entretanto, somente a superioridade do armamento europeu não explica a vitória dos conquistadores espanhóis e portugueses sobre os nativos. Afinal, os indígenas eram numericamente superiores, chegando a representar, em certos combates, cerca de 500 a 1000 índios para cada europeu.

Outro elemento significativo na destruição dos povos indígenas diz respeito às doenças contagiosas transmitidas pelos europeus, que eram, em geral, letais para os nativos, pois não tinham resistência imunológica contra elas. As epidemias espalhavam-se rapidamente, matando milhares de índios. E, além disso, muitos estavam doentes demais para lutar.

Outras formas de violência

Os europeus impuseram aos povos americanos costumes que afetaram profundamente a sobrevivência de suas comunidades e alteraram a forma de viver e pensar dos nativos, doutrinando-os a uma cultura externa aos costumes próprios.

Populações indígenas inteiras foram removidas de sua região de origem para trabalhar como escravos para os conquistadores. Fora de seu meio natural, sofreram com as mudanças no tipo de alimentação e no ritmo de trabalho.

A ação evangelizadora católica, que tinha por objetivo promover a catequese dos líderes e das crianças, que eram mais facilmente dominadas, também fora outra forma de dominação cultural e psicológica dos povos indígenas, que tiveram sua identidade e propriedade fragmentadas pela ação dos invasores europeus.

Fonte:
HISTÓRIA GLOBAL - Brasil e geral
Gilberto Cotrim / Volume único

Qual parte da história você gostaria que a **Folha** relatasse?
Faça contato conosco. **Dê sua sugestão!**
Tel.: 2128-8115
email: folhadaprincesa@gmail.com

Enquete

Priscila Rabassa

Como você avalia a segurança na Vila?

"Está ruim. Minha casa já foi arrombada três vezes, eu liguei para a polícia e eles não apareceram. Tive que busca-los. É uma vergonha a falta de policiamento na Vila".

Darci Vargas, autônomo, 57 anos

"Não está muito boa e falta policiamento. Acontecem alguns roubos de bicicleta, mas acho que existem bairros em que a situação está pior".

Armindo Mirando, pastor, 41 anos

"Não é ótima. Acontecem roubos pequenos como de bicicleta, mas já andaram prendendo algumas pessoas".

Bento Schwanck, comerciante, 53 anos

"Está precária. Falta policiamento para controlar os roubos".

Rudi Willrich, operador de máquina, 46 anos

"Ruim. Falta policiamento à noite. E se a gente chama, eles não aparecem. Tenho que fechar o meu bar cedo por medo de assaltos".

Hilton Weber, comerciante, 46 anos

"Eu acho que está boa, pois volto da escola de noite tranquilamente. Nunca fui assaltada, mas sei de pessoas que já foram, acho que poderia ter mais policiamento".

Suzane Ramalho Santos, estudante, 17 anos

"Acho que está tranqüilo. Nunca fui assaltado, mas acho que deveria ter mais policiamento".

Nilo Pollonv, comerciário, 38 anos

"Acontece roubo de bicicleta e arrombamento de casa, mas não é muito freqüente. Acho que poderia ter mais policiamento, assim acabaria esses poucos assaltos que ainda acontecem".

Angelita De Lara, costureira, 24 anos

"Acho que está péssima, falta policiamento. Já fui assaltado duas vezes e ameaçado outras três. Falta segurança, mas não temos para quem reclamar".

Gilmar Dravanz, comerciante, 43 anos

"Está muito ruim. Falta policiamento de noite para controlar a bagunça".

Terezinha Pinto, aposentada, 70 anos

Seu Direito

Felipe Añaña
Estudante de Direito/UCPel

Contrato de trabalho por prazo determinado

Contrato de Experiência

O contrato de experiência é uma forma do contrato por prazo determinado, e tem por objetivo verificar se o empregado é apto para exercer a função para a qual foi contratado.

Duração

A duração total do contrato de experiência não poderá exceder 90 dias.

Prorrogação

A prorrogação do contrato quando for por prazo inferior a 90 dias, assim, quando o contrato for fixado por um prazo de 30 dias poderá ser prorrogado por mais 30 ou 60 dias. Mas, importante, o contrato de experiência não pode ser prorrogado mais de uma vez.

Se for prorrogado por mais de uma vez a conseqüência é que a última prorrogação será considerada como não existente, valendo, portanto, como contrato de trabalho por prazo indeterminado, como todos os demais contratos.

Novo Contrato

Para firmar um novo contrato de experiência, deve o empregador aguardar no mínimo 6 meses, sob pena do contrato ser considerado por tempo indeterminado.

O novo contrato só pode ser firmado como experiência somente se for designado o empregado para outra função, já que não existe o porquê da empresa testar a mesma pessoa na mesma função que antes foi designada.

Carteira de Trabalho

O contrato de experiência deve ser anotado na parte do "Contrato de Trabalho", e também nas folhas de "Anotações Gerais".

Rescisão Antecipada do Contrato

Qualquer das partes pode rescindir antes do término do prazo o contrato de experiência.

O empregador, ao dispensar o empregado antes do término, e o empregado ao rescindir o contrato antecipadamente, estes ficam obrigados a indenizar o outro.

Priscila Rabassa

Folha da Princesa

Futebol é coisa de menina

Na Vila Princesa, um time de meninas encontrou no futebol de campo um jeito de aprender a conviver com os outros, valorizar seus talentos e correr atrás da esperança de se tornar alguém na vida.

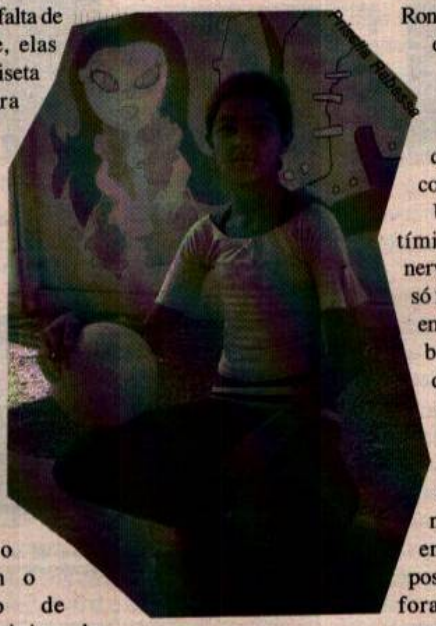
No jogo de futebol, não importa se você é homem ou mulher; as regras são iguais para ambos os sexos. O problema é que o prestígio do esporte, especialmente no chamado país do futebol, não alcança o mesmo nível quando praticado por mulheres.

Mas na Vila Princesa a realidade está mudando. Hoje quem chuta a grama do campinho do bairro, não é um grupo de meninos, mas sim meninas, abrindo caminho para a participação feminina no esporte mais popular do mundo.

Conhecida por seu talento com a bola, a pequena Shaiane Peres, 12 anos, estudante da 6ª série do Colégio Municipal Antônio Rona, comanda a lateral do campo da equipe da Rádio Princesa FM. Um pouco tímida e sem querer muita conversa no início, Shaiane assume que sua grande paixão é o futebol. "Nunca fiz aula, a não ser no colégio. Aprendi tudo que sei jogando pelada com os colegas e com minha família, todos apaixonados pelo futebol".

À vontade de jogar começou quando ela era mais nova, da idade de oito, nove anos. Incentivada pela família, foi procurar no esporte o prazer e a esperança de se tornar alguém na vida, mesmo sabendo que futebol de menina, no Brasil é pouco falado e não muito valorizado. "Sabe como é, o povo não acredita muito na gente, mas tudo bem, eu amo o que faço e treino para ser melhor".

Conforme a colega de equipe, Priscila Ribeiro, 12 anos, a equipe existe há três anos e vem incluindo socialmente meninas num ambiente esportivo, deixando a ociosidade da rua e a evasão escolar de lado.



Apesar da falta de credibilidade, elas vestem a camiseta e jogam para vencer. Dentre as muitas conquistas das meninas está o título de campeãs do torneiro de Futebol Feminino do Retiro, conquistado no ano passado.

"Nós ganhamos o último campeonato de futebol feminino do Retiro, foi muito legal. Infelizmente agora os campeonatos estão parados e nós ficamos apenas batendo bola no campinho", afirma Priscila.

O trabalho misto nas aulas de educação física do colégio foi à alternativa encontrada para minimizar a falta de campeonatos e, ao mesmo tempo, incentivar o relacionamento entre meninos e meninas no mesmo esporte.

Fã do talento dos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol Masculina, Shaiane garante que se espelha profissionalmente no jogador Ronaldinho. "Acho ele muito legal e gostaria de jogar um dia tão bem quanto ele", conta.

Um pouco tímida e muito nervosa, a menina só ficou tranqüila em contato com a bola, e quando questionada sobre quantos gols já fez, a resposta foi firme. "Nunca me preocupei em contar, mas posso afirmar que foram muitos mesmo".

"Nunca fiz aula, a não ser no colégio. Aprendi tudo que sei jogando pelada com os colegas e com minha família, todos apaixonados pelo futebol".

Por causa da falta de incentivo da mídia e da própria cultura machista, sendo vista ainda como esporte amador, o futebol feminino, inclusive o profissional, sofre. Dentre as muitas conquistas das meninas da Seleção Brasileira estão à medalha de ouro conquistada nos Jogos Pan Americanos de 2003 e a prata nas Olimpíadas do ano seguinte. O país ocupa o quarto lugar no ranking dos melhores times de futebol feminino do mundo - perde apenas para Alemanha (1°), Estados Unidos (2°) e Suécia (3°) -, e tem a melhor jogadora do planeta de 2006, a atacante alagoense Marta, de apenas 20 anos, superando a norte-americana Kristine Lilly e a alemã Renate Lingor.

E para você que continua acreditando que futebol é esporte apenas para homens, não esqueça que quem trouxe a Chuteira de Ouro para o Brasil na última Copa foi a atacante Marta e não o Ronaldinho.

Futebol feminino em pelotas

Década 50 – A cidade era representada pelos times Vila Hilda F. C. e Corintians da Luz. O Vila Hilda treinava no atual campo do Farroupilha e no campo do quartel do Bairro Fragata, já os do Corintians ocorriam no campo do Castilho, localizado na Vila Santa Terezinha.

As duas equipes jogavam amistosamente nas cidades de Rio Grande, Novo Hamburgo e Porto Alegre. Porém nessa mesma época o Conselho Nacional do Desporto (CND) estipulou que o futebol, não era esporte para mulheres, proibindo a prática em todo o país.

1979 – volta do futebol feminino agora reconhecido e legalizado pelo CND.

Década de 90 – A cidade de Pelotas voltou a ter um time de futebol feminino, representado pelo Pelotas Phoenix, do E.C.Pelotas. O time possui mais de 30 troféus conquistados em torneios locais e regionais. O melhor desempenho no estadual foi a terceira colocação. O time foi campeão Gaúcho de futebol de areia em 2003, penta-campeão de futebol da areia citadino e bi-campeão do citadino de Futsal.

Mini-Mercado
Bom Preço
Agora com representação dos salgadinhos Boccone
Av. Quatro, 3327

Casa de Carnes
Dravanz
Carnes & Conveniências
Av. Quatro, 3524 - F: 3025-3284

Salão de Beleza Unisex
Lafammy
Cortes, químicas, pé, mão e escova progressiva
Av. Quatro, 3512 - F: 9162-1344

Loja Ribeiro
Artigos para presentes, confecções e entrega grátis de gás com Arthur
Av. Quatro, 3272 - F. 3278-0657

folhinha!

Mãe é Mãe

A mais antiga comemoração dos dias das mães é mitológica. Na Grécia antiga, a entrada da primavera era festejada em honra de Rhea, a Mãe dos Deuses.

O próximo registro está no início do século XVII, quando a Inglaterra começou a dedicar o quarto domingo da Quaresma às mães das operárias inglesas. Nesse dia, as trabalhadoras tinham folga para ficar em casa com as mães. Era chamado de "Mothering Day", fato que deu origem ao "mothering cake", um bolo para as mães que tornaria o dia ainda mais festivo.

Nos Estados Unidos, as primeiras sugestões em prol da criação de uma data para a celebração das mães foi dada em 1872 pela escritora Júlia Ward Howe, autora de "O Hino de Batalha da República".

Mas foi outra americana, Ana Jarvis, que iniciou a campanha para instituir o Dia das Mães. Em 1905 Ana, filha de pastores, perdeu sua mãe e entrou em grande depressão. Preocupadas com aquele sofrimento, algumas amigas tiveram a idéia de perpetuar a memória de sua mãe com uma festa. Ana quis que a festa fosse estendida a todas as mães, vivas ou mortas, com um dia em que todas as crianças se lembrassem e homenageassem suas mães. A idéia era fortalecer os laços familiares e o respeito pelos pais.

Durante três anos seguidos, Anna lutou para que fosse criado o Dia das Mães. A primeira celebração oficial aconteceu somente em 26 de abril de 1910, quando o governador de Virginiin corporou o Dia das Mães ao calendário de datas comemorativas daquele estado e que a celebração deveria ser comemorado sempre no segundo domingo de maio. A sugestão foi da própria Anna Jarvis. Em breve tempo, mais de 40 países adotaram a data.

O sonho foi realizado, mas, ironicamente, o Dia das Mães se tornou uma data triste para Anna Jarvis. A popularidade do feriado fez com que a data se tornasse uma dia lucrativo para os comerciantes, principalmente para os que vendiam cravos brancos, flor que simboliza a maternidade. "Não criei o dia as mães para ter lucro", disse furiosa a um repórter, em 1923. Nesta mesmo ano, ela entrou com um processo para cancelar o Dia das Mães, sem sucesso.

Anna passou praticamente toda a vida lutando para que as pessoas reconhecessem a importância das mães. Na maioria das ocasiões, utilizava o próprio dinheiro para levar a causa a diante. Dizia que as pessoas não agradecem freqüentemente o amor que recebem de suas mães. "O amor de uma mãe é diariamente novo", afirmou certa vez. Anna morreu em 1948, aos 84 anos. Recebeu cartões comemorativos vindos do mundo todos, por anos seguidos, mas nunca chegou a ser mãe.

Você sabia?

O primeiro Dia das Mães brasileiro foi promovido pela Associação Cristã de Moços de Porto Alegre, no dia 12 de maio de 1918. Em 1932, o então presidente Getúlio Vargas oficializou a data no segundo domingo de maio. Em 1947, Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, determinou que essa data fizesse parte também no calendário oficial da Igreja Católica.

Poesia

Mãe...São três letras apenas
As desse nome bendito:
Também **o céu tem três letras**
E nelas cabe o infinito

Para louvar a nossa mãe,
Todo bem que se disser
Nunca há **de ser tão grande**
Como o bem que ela nos quer

Palavra tão pequenina,
Bem sabem os lábios meus
Que **és do tamanho do CÉU**
E apenas menor que Deus!

Mário Quintana

Crie um enfeite perfumado para sua mãe

1 Encha uma meia com lã ou algodão e coloque dois sachês de sabonete. Amarre no final com a fita.

2 Amarre fitas ao longo do corpo para formar os gomos.

3 Pinte os olhos e o nariz com cola colorida. Para fazer os óculos, cole lã em volta dos olhos. Cole outro pedaço de lã para fazer a boca.

Você vai precisar:

* meias longas
* lã de algodão
* sachês
* fita de cetim
* 1 pedaço de tecido
* (15 x 60 centímetros)
* botões
* cola colorida

Qualé?! Princesa

João Monteiro

Artista do mês

Funk

Da periferia para o mundo

Descendente do gospel, a música que os negros cantam nas igrejas batista dos Estados Unidos deu origem funk que teve seus primeiros momentos nos anos 30/40 deste século, quando grande parte da população negra migrava das fazendas do sul para os grandes centros urbanos do Norte dos Estados Unidos. No Brasil, o funk surgiu no Rio de Janeiro, no começo dos anos 70 em festas realizadas em uma das principais casas de shows do Rio naquele período, conhecida como 'Canecão'. Disseminados para os clubes da Zona Norte da cidade, zona mais pobre da cidade, logo conseguiram uma grande aceitação entre os jovens, se transformando em uma de suas principais atividades de lazer nos fins de semana.

Provavelmente o movimento tem raízes fortes como resistência à marginalização da sociedade capitalista e racista, e também ao processo de exclusão do mercado de trabalho que impossibilitava os jovens de ter completo acesso aos direitos de comprar, consumir e oferecer sua força de trabalho. Desde que surgiu para o mundo em 1989, como a junção de outros gêneros minimalistas que tocavam nos morros e subúrbios (o eletro funk, o rap e Miami Bass), o funk carioca atravessa períodos de grande expansão e sucesso até mesmo internacional. A onda atual deve-se à bênção que o funk tem recebido fora do país, pois inúmeros DJs e críticos estrangeiros, sobretudo dos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha, o encaram como um braço criativo da música eletrônica. Com isso, o funk deixa de ser marginalizado para se tornar o ritmo do momento, passando de algo tosco, descartável para um produto de relevância cultural.

Outro fato importante que fez com que o Funk se tornasse febre no Brasil, foram os programas de inclusão social que ensinam canto, dança, arte aos jovens dos subúrbios. As rádios comunitárias também auxiliam bastante na divulgação desse ritmo, espalhadas por todo o Brasil fixando o gênero e formando um legião de seguidores. Quem é que não se deparou na rua, ou numa festa, com a batida forte e as letras escrachadas do funk brasileiro? Provavelmente todo mundo, já é mania nacional, e onde quer que se vá, é difícil não escutar "Boladona" da Tati Quebra Barraco, "Se ela dança eu danço" do Mc Leozinho, "Tremendo Vacilão" da Mc Perlla. ou ainda Deise tigrona, Bonde do Tigrão, entre outros.O Funk está aí e como parece veio para ficar, resta que o escutemos com cuidado percebendo que nem só dele é formada a musica popular brasileira. Preste atenção! Funk pode ser bom, mas tem muita coisa boa surgindo todo dia, fique ligado!!

Como é que?

Faça sua pergunta e a equipe da FP vai procurar um profissional que possa responder.

Trabalho
Lazer
Drogas
Saúde
Sexo
sei lá
mais
o quê...

Caixa de Idéias!

Tremendo Vacilão

Mc Perlla
Composição: Telles e DJ Mãozinha

Tira tchuru tira tchuru ou ah ou ha
Tira tchuru tira tchuru ou ah

Na madrugada abandonada e não atende o celular
Tirando onda cheio de marra achando que eu vou perdoar

pra mim já chega eu tô bolada agora quem não quer sou eu

Não te dou bola senta e chora porque você já me perdeu

Refrão
Deu mole pra caramba é um tremendo vacilão
tá todo arrependido vai comer na minha mão,
Pensou que era o cara mas não é bem assim,
Agora baba bobo vai correr atrás de mim (2x)

Tira tchuru tira tchuru ou ah, ou ah
Tira tchuru tira tchuru ou ah (2x)

Na madrugada abandonada e não
refrão

Deu mole pra caramba é um tremendo vacilão tá todo arrependido vai
comer na minha mão.
pensou que era o cara mas não é bem assim, agora baba bobo
vai correr atrás de mim

Tira tchuru tira tchuru ou ah, ou ah
Tira tchuru tira tchuru ou ah (2x)

Ou ah, ou ah, ou ah, ou ah, ou ah.